

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS NA CHINA E NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS, ESCOLHAS ACADÊMICAS E PROJETOS DE FUTURO¹

Wivian Weller (UnB) – wivian.unb@gmail.com

Lucélia de Moraes Braga Bassalo (UEPA; UNAMA) – lbassalo@uol.com.br

Introdução

A China tornou-se um dos principais parceiros comerciais do Brasil e os acordos bilaterais tendem a crescer nos próximos anos. Serão os/as jovens de hoje – tanto no Brasil como na China – os/as que viverão essa aproximação de dois países que ocupam posições estratégicas nos respectivos continentes, tanto em seus aspectos positivos como negativos. Diante deste fato, partimos da premissa de que entendimento intercultural sobre a China não pode permanecer apenas no nível do senso comum se quisermos avançar na construção não só de laços comerciais, mas também de troca de experiências no campo da cultura, e, especialmente no campo da educação e formação em nível superior. Contudo, ainda existem poucos estudos comparativos sobre aspectos relacionados à educação superior entre os países que integram o agrupamento econômico denominado pela sigla BRICS. Quando existentes, foram realizados quase sempre por pesquisadores de outros países (cf. CARNOY et al., 2013). Nesse sentido, a presente pesquisa buscou suprir esta lacuna, fornecendo dados sobre diferentes aspectos da vida dos/as jovens universitários/as chineses e brasileiros, bem como de suas visões sobre distintas questões que serão detalhadas a seguir.

¹ Trabalho apresentado no 6º Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Educação Comparada, GT 6 - Temáticas em Educação Comparada, realizado em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, no período de 17 a 20 de agosto de 2014.

Aspectos metodológicos da pesquisa

A realização da presente pesquisa foi motivada por uma série de visitas de pesquisadores do *China Youth and Children Research Center* – CYCRC (Centro de Pesquisa em Infância e Juventude da China) ao Brasil. Dessa forma, os resultados apresentados neste artigo originam-se de um estudo comparado desenvolvido no ano de 2012 por pesquisadores brasileiros e chineses sobre jovens universitários de ambos os países, mais especificamente, em Pequim, Xangai, Brasília e São Paulo². Em cada cidade foram selecionadas três instituições de ensino superior com características distintas nas quais os questionários foram aplicados *in loco*. A população alvo da pesquisa foram jovens universitários com idade de até 24 anos completos que responderam a um questionário em suas línguas maternas, português e chinês, constituído de 66 questões fechadas (múltipla escolha, única escolha), aberta e de escala numérica. Para calcular a amostra, considerou-se estimar uma proporção com erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e variabilidade máxima. O tamanho mínimo da amostra em cada instituição foi estabelecido em 400 estudantes, mas considerando-se eventuais perdas e recusas, a amostra foi ampliada em 20% nas respectivas instituições³. Para a seleção da amostra, foi utilizado processo de amostragem aleatória estratificada com alocação proporcional dos estudantes por curso/área em cada instituição de ensino superior.

Estudantes universitários na China e no Brasil: características familiares

A ampliação do número de vagas nas instituições de educação superior bem como a diversificação dos tipos de auxílios financeiros para os estudantes foi responsável por uma mudança do perfil socioeconômico dos estudantes que entraram nas universidades brasileiras e chinesas a partir dos

² No Brasil, a pesquisa contou com financiamento do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas – IPEA e foi conduzida pelos seguintes pesquisadores: Thomas Patrick Dwyer (UNICAMP), Marília Pontes Sposito (USP), Wivian Weller (UnB), Ana Maria Nogales (UnB), Eduardo Zen (IPEA), Carla Coelho de Andrade (IPEA), Lucélia de Moraes Braga Bassalo (IPEA/UnB), Marilena Nakano (Fundação Santo André), Patrícia Gimeno (UNICAMP). Na China, a pesquisa foi conduzida pelo *China Youth and Children Research Center*.

³ Os colegas chineses optaram por uma amostra constituída por um mínimo de 300 estudantes em cada instituição.

anos 2000, composta majoritariamente por jovens entre 18 e 24 anos. Sendo assim, se os jovens universitários de ambos países representam uma geração que tem pela primeira vez nas suas histórias educacionais um aumento significativo das taxas de acesso à educação superior, estamos diante de questões instigantes que carecem de maiores análises.

Escolaridade dos pais brasileiros e chineses

No que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais e das mães dos estudantes universitários podem ser observadas singularidades, conforme a tabela 1.

TABELA 1 – Nível de escolaridade do pai e da mãe

Escolaridade dos pais	Brasil		China	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Analfabeto	0,3	0,3	1,4	1,2
Ensino fundamental incompleto	9,0	9,4	4,3	2,8
Ensino fundamental completo	4,4	5,8	5,2	3,9
Ensino médio incompleto	5,1	5,9	3,8	4,3
Ensino médio completo	28,5	26,5	47,4	42,0
Ensino superior incompleto	7,2	9,8	2,3	4,6
Ensino superior completo	29,3	27,3	28,9	33,4
Pós-graduação	15,3	12,3	3,5	5,7
NR/ NS	0,8	2,6	3,2	2,2
Total	100	100	100	100

Fonte: IPEA, SBS, 2012.

Diferentes estudos têm apontado que a relação entre o nível de escolaridade dos pais especialmente da mãe, constitui variável importante no acesso e permanência dos filhos na escola, bem como no ingresso na educação superior (FIAMENGUE, 2003; VALINAS, NICOLL, 2006). No caso das mães brasileiras, observa-se que 44,6% adquiriram um diploma de graduação ou pós-graduação, enquanto que entre os pais dos estudantes, este percentual atinge 39,6%. O percentual de mães e pais com ensino médio completo ou que

chegaram a cursar uma graduação sem concluí-la, constitui o segundo grupo com maior representatividade, somando 35,7% entre as mães e 37,1% entre os pais dos estudantes. O terceiro grupo, formado por mães e pais que atingiram a escolaridade mínima prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96 – encontram-se 9,5% de mães e 11,7% de pais com ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto. O quarto grupo, formado por mães e pais com escolaridade inferior ao estabelecido na LDB, representam 9,3% e 9,7% respectivamente.

Na China, o nível de escolaridade das mães e pais também aparece como fator determinante para o ingresso dos filhos na universidade. Contudo, observam-se algumas diferenças quando comparamos com o Brasil. O maior grupo de estudantes chineses possui mães e pais com ensino médio completo ou superior incompleto, representando 49,7% e 46,6% respectivamente. O segundo grupo está constituído por 32,4% de mães e 39,1% de pais com educação superior completa. O terceiro grupo, formado por estudantes cujas mães e pais possuem educação compulsória⁴ apresenta, no caso das mães, percentual semelhante ao do Brasil (9%); pais com escolaridade mínima representam 8,2%, apresentando um percentual de 3,5% abaixo do quantitativo de pais de estudantes brasileiros neste grupo. O último grupo, constituído por mães e pais que não chegaram a concluir a educação compulsória encontramos percentuais abaixo da realidade brasileira, com 5,7% de mães e 4% de pais. Observa-se ainda neste grupo, que os percentuais de mães e pais analfabetos (1,4% e 1,2% respectivamente) são maiores do que entre os universitários brasileiros (0,3%).

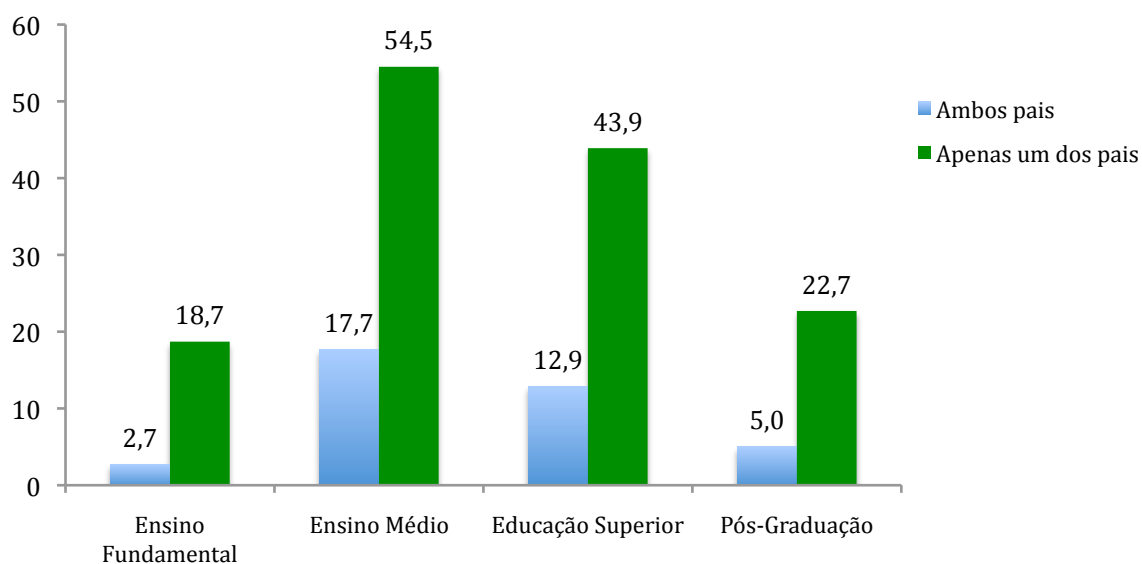
Chama atenção o fato de que a possibilidade de continuidade de estudos, na China, seja maior para os pais, tanto no acesso à educação superior (4,6% maior que o número de mães), quanto no prosseguimento dos estudos na pós-graduação (2,2% superior ao das mães). No Brasil a característica é inversa, ou seja, as mães tem maior representação na graduação (2% mais elevada que o número de pais) e na pós-graduação (3% maior que o alcançado pelos pais). Estes dados parecem indicar que as ações relativas à expansão da educação superior nos dois países, alcançaram as gerações anteriores e os gêneros de

⁴ A escolaridade obrigatória na China é equivalente ao antigo primeiro grau no Brasil, compreendendo oito anos de estudo.

modo diferente: a representatividade na continuidade de estudos comporta uma diferença de gênero nos dois países concentrando-se nos pais chineses e nas mães brasileiras.

Outras características relevantes são obtidas ao realizar o cruzamento da escolaridade dos pais com o objetivo de verificar o percentual de casais que possuem nível de escolaridade idêntico e casais com nível de formação distinta (gráfico 1):

GRÁFICO 1: Casais com o mesmo nível de escolaridade e com formação distinta - Brasil



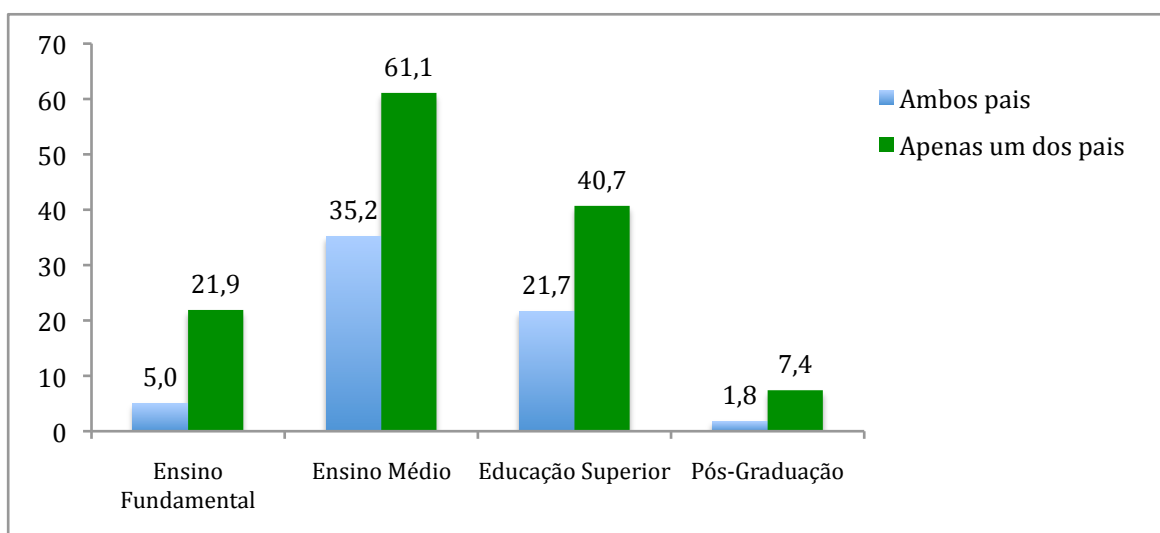
Fonte: IPEA, SBS, 2012

Verifica-se a partir deste cruzamento, que o número de casais brasileiros com o mesmo nível de escolaridade é bem inferior ao número de casais com níveis de escolaridade distintos entre si. Apenas uma minoria dos estudantes universitários pertencem a famílias, nas quais ambos os pais possuem apenas o ensino fundamental completo ou incompleto, assim como no outro extremo estão os pais e mães com formação em nível de pós-graduação.. Famílias onde os dois progenitores possuem o diploma de ensino médio ou de graduação representam 17,7% e 12,9% respectivamente. A maioria dos pais e mães dos estudantes universitários brasileiros apresenta nível de escolaridade distinta, com características múltiplas, tais como: pai com ensino médio e mãe

com ensino superior, pai com ensino superior e mãe com ensino médio, mãe com ensino superior e pai com ensino fundamental, etc. No entanto, os dados não permitem concluir se essas diferenças existiam na época em que contraíram matrimônio, ou se após a união tiveram acesso a determinado nível ou abandonaram os estudos. A expansão do ensino superior privado no país assim como dos cursos supletivos noturnos, fez com que muitos adultos alcançassem uma titulação em outra fase de suas vidas, já que o incentivo a continuidade dos estudos na educação superior, através dos programas governamentais, não fazem limitação etária. Pode-se supor que em muitos casos, por vários fatores objetivos e subjetivos, somente um dos parceiros adquiriu diploma de ensino médio ou superior após haver contraído matrimônio ou constituído família. Este nos parece ser um dos possíveis motivos para o baixo número de casais com nível de escolaridade idêntico entre as famílias dos universitários brasileiros desta amostra.

As famílias dos estudantes chineses também apresentam características semelhantes ao Brasil, ou seja, a maioria dos casais possui formação educacional distinta, conforme observado no gráfico 2.

GRÁFICO 2: Casais com o mesmo nível de escolaridade e com formação distinta - China



Fonte: IPEA, SBS, 2012

Os dados revelam que o percentual de estudantes universitários chineses oriundos de famílias em que ambos os pais possuem ensino fundamental completo ou incompleto representa 2,3% acima da situação identificada no Brasil. Talvez, esta diferença, esteja relacionada ao fato de encontrarmos na amostra chinesa um número maior de mães e pais que se dedicam a atividades agrícolas (gráfico 4). No outro extremo da linha de escolarização – mães e pais com pós-graduação – verificamos situação inversa, permanecendo 3,2% abaixo do Brasil. Na China a expansão da pós-graduação é mais recente do que no Brasil, dado que talvez possa ser tomado como explicação para este fato. No entanto, se analisamos o número de mães e pais com formação idêntica em nível médio ou superior, verificamos que estes percentuais estão bem acima da realidade brasileira. Neste sentido, podemos afirmar que existe menor heterogeneidade entre os casais chineses no que diz respeito à formação educacional.

De modo geral, estas informações revelam que é inexpressivo o percentual de famílias que não tiveram acesso a escola. O sistema universitário nos dois países pouco absorve estudantes que possuem mães e pais com baixa escolaridade. Ainda que se identifiquem diferenças entre a China e o Brasil quanto escolaridade alcançada pelo pai e pela mãe dos estudantes, a maioria dos casais com mesma escolaridade concentra-se entre aqueles que atingiram o Ensino Médio. Em segundo lugar estão os casais em que ambos são graduados. A diferença recai sobre a terceira e quarta posição, já que no Brasil, estão os casais com pós-graduação e ensino fundamental, respectivamente, e na China, essa relação é invertida, vindo em terceiro lugar casais com ensino fundamental e depois casais com pós-graduação.

A análise revela que os universitários participantes da pesquisa, representam uma tendência acentuada de ascensão escolar em relação àquela obtida pela geração de seus pais. Em outras palavras, já estão percorrendo um caminho que seus pais, na sua idade, não trilharam.

Situação profissional dos pais brasileiros e chineses

Buscando compreender a origem social dos jovens universitários participantes da pesquisa, a análise da situação laboral constitui outro aspecto relevante que contribui para compreender de onde eles vêm. A tabela 2 apresenta um retrato do setor de atividade econômica dos seus pais e das mães.

TABELA 2: Setor de atividade econômica do pai e da mãe

	Brasil		China	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai
Administração pública/Governo	14,1	13,2	10,8	14,9
Educação	16,3	3,3	12,9	8,3
Pesquisa e desenvolvimento	0,8	1,0	1,4	3,3
Saúde	7,7	2,7	4,9	3,0
Militar/Segurança pública	0,9	8,4	1,3	3,7
Indústria	3,8	12,4	6,0	10,0
Agropecuária	0,5	2,6	6,3	5,6
Serviços	14,4	13,9	17,7	11,0
Comércio	15,9	19,1	8,2	9,2
Construção	0,9	4,4	2,5	7,9
Extrativa/Mineral	0,0	0,2	0,8	1,6
Outros	20,4	13,2	26,3	21,0
NR/NS	4,3	5,0	0,7	0,5
Anulado	0,1	0,6	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPEA, SBS, 2012.

Se eliminarmos as alternativas com menos de 10 pontos percentuais, pode-se perceber que as mães e pais brasileiros distribuem-se em cinco atividades econômicas claramente definidas: comércio, serviços, educação, administração pública/governo e indústria. Entre as mães brasileiras, a área de educação (16,3%) constitui o principal ramo de atividade, seguida de comércio (15,9%), serviços (14,4%) e administração pública/governo (14,1%). Entre os pais, a ocupação no setor do comércio (19,1%) representa a atividade dominante, seguida de serviços (13,9%), administração pública/governo (13,2%) e indústria (12,4). A categoria outros, embora selecionada por um número expressivo de estudantes, permanece indefinida, apontando para uma diversidade de atividades presentes no mercado de trabalho do País.

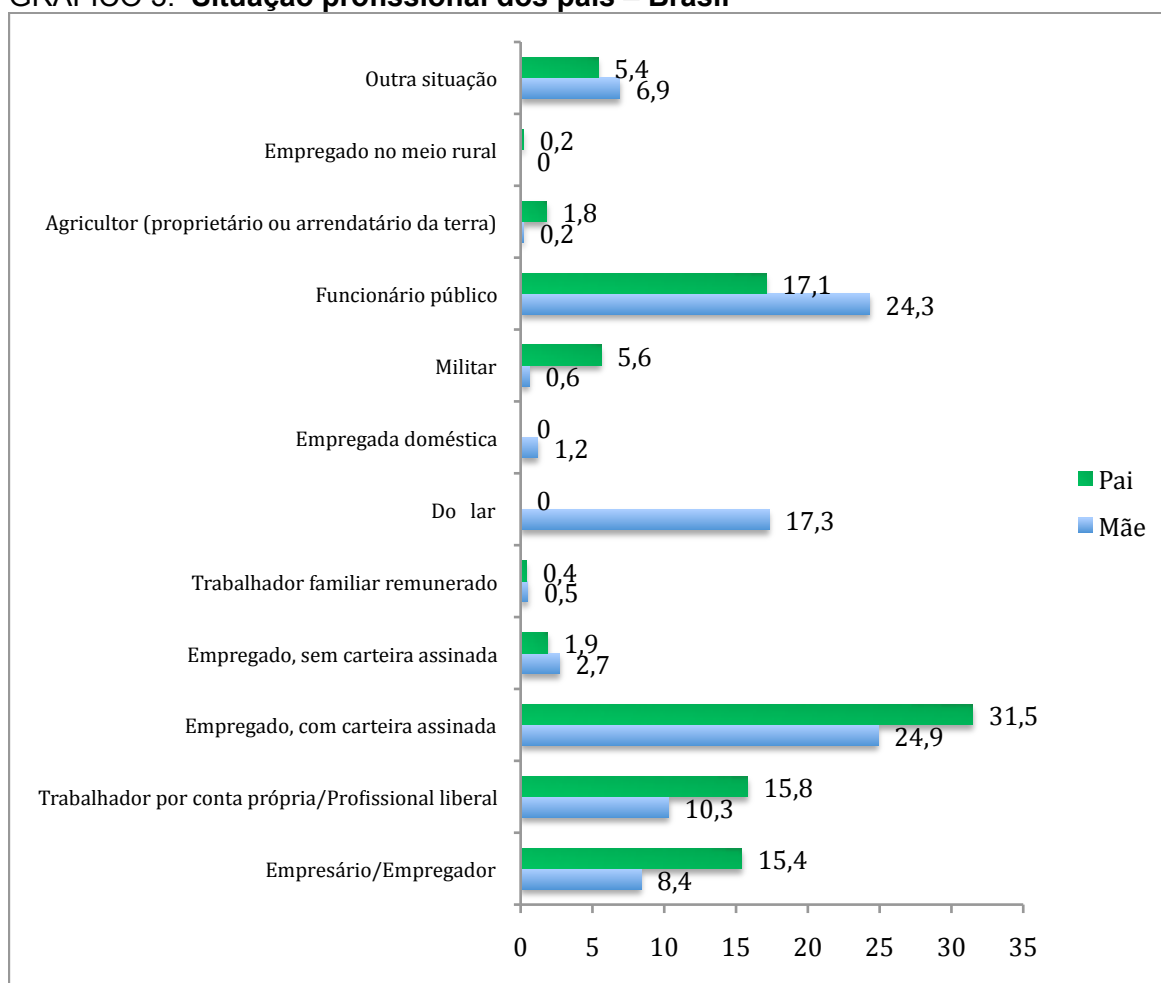
Na China, grande parte das famílias atua em ramos de atividade econômica semelhantes aos que receberam maior destaque no Brasil: administração pública/governo, serviços, educação e indústria representam os

principais campos de atividade. Entre as mães chinesas, a principal atividade econômica é serviços (17,7%), seguida de educação (12,9%) e administração pública/governo (10,8%). Quando se considera o pai, a ocupação administração pública/governo (14,9%), aparece como dominante seguida de serviços (11%) e indústria (10%). Entre os universitários chineses, um percentual significativo também assinalou a opção, indicando a existência de um mercado de trabalho extenso e complexo.

Deve-se destacar que ao comparamos alguns ramos de atividade selecionados pelos estudantes chineses com a realidade brasileira, observa-se que o percentual de homens atuando no campo da educação é bastante superior na China, representando 8,3% e somente 3,3% no Brasil, onde a área educacional, atualmente, é majoritariamente um campo de trabalho das mulheres. O setor industrial parece favorecer mais as mães chinesas do que as mães brasileiras (6,0% e 3,8% respectivamente) e o mesmo ocorre com o setor de serviços (17,7% e 14,4% respectivamente). No entanto, é preciso levar em conta que estes dados refletem apenas a realidade das famílias de estudantes universitários. Outras comparações seriam necessárias para uma melhor compreensão dessas diferenças relacionadas, sobretudo às profissões no campo da educação e da indústria.

Outro aspecto levantado na pesquisa com o objetivo de conhecer melhor o contexto familiar e socioeconômico dos jovens que estão na educação superior diz respeito à situação profissional das mães e pais. Neste item, as diferenças entre os sexos tornam mais visíveis quando são considerados os tipos de ocupação profissional.

GRÁFICO 3: Situação profissional dos pais – Brasil



Fonte: IPEA, SBS, 2012

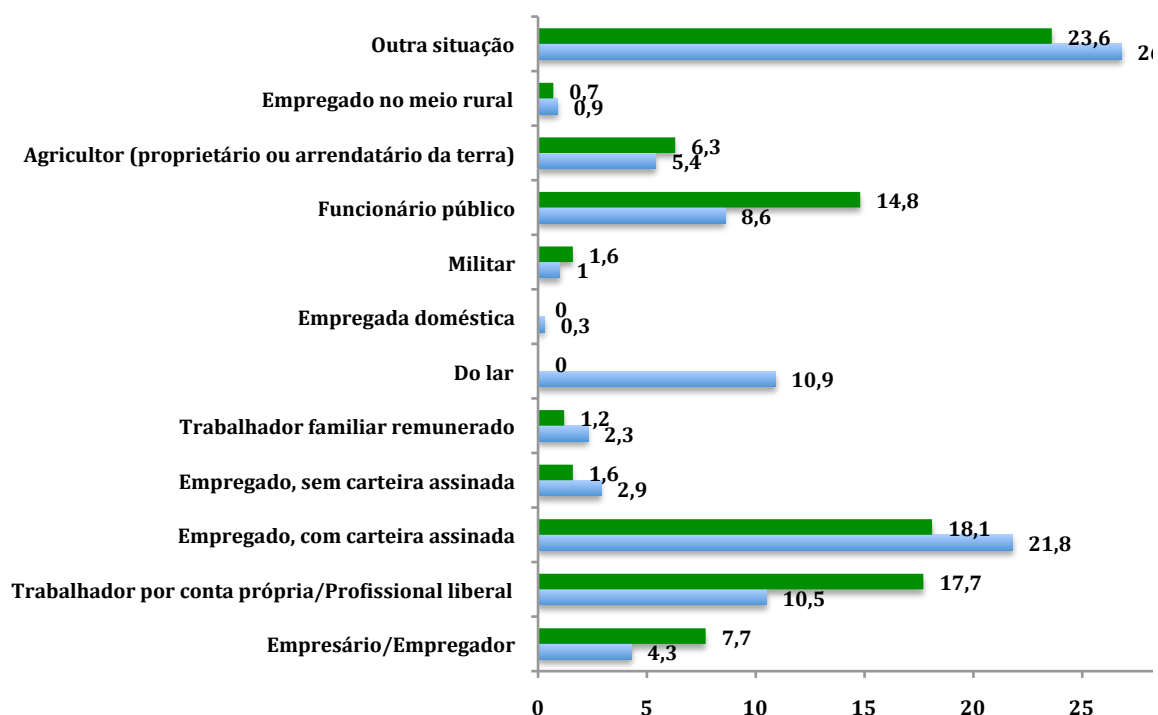
No Brasil, a maioria dos estudantes informou como ocupação profissional da figura paterna a opção empregado com carteira assinada, seguida das ocupações: funcionário público, profissional liberal ou trabalhador por conta própria e empresário ou empregador. Deve-se observar que é inexpressiva a quantidade de filhos de pai empregados no meio rural. A ocupação de agricultor (proprietário ou arrendatário da terra) também apresentou baixos percentuais. Pais que exercem trabalho familiar remunerado ou que estão empregados sem carteira assinada também representam uma minoria entre as famílias dos estudantes universitários.

A situação profissional das mães brasileiras apresenta duas alternativas que não foram citadas pelos pais por se tratarem de ocupações associadas frequentemente no Brasil, ao universo feminino: empregadas

domésticas e a ocupação “do lar”. Esta alcançou a terceira posição entre as ocupações mais frequentemente exercidas pelas mães dos estudantes universitários. Em primeiro e segundo lugar aparecem, para as mães brasileiras, as ocupações: empregada com carteira assinada e funcionária pública. Entre os participantes da pesquisa, nenhum era filho de mãe empregada no meio rural, e ainda, as ocupações de agricultora, trabalhadora familiar remunerada ou militar são inexpressivas entre as mães dos estudantes universitários.

De certa forma, a situação profissional dos pais e mães dos estudantes chineses é semelhante aos estudantes brasileiros, como podemos observar no gráfico 4.

GRÁFICO 4: Ocupação dos pais - China



Fonte: IPEA, SBS, 2012

Entre os pais dos estudantes chineses, o item outra situação obteve o maior número de respostas, apontando novamente para a diversidade de profissões e situação laboral. Entre as ocupações mais indicadas encontram-se: empregado com carteira assinada, profissional liberal ou trabalhador por conta própria e funcionário público. Pais empregados no meio rural também estão sub-

representados na amostra, porém se considerarmos a ocupação agricultor (proprietário ou arrendatário da terra) os percentuais sobem para 6,3% e são três vezes maior que no Brasil. Pai desenvolvendo trabalho familiar remunerado ou empregado sem carteira assinada também são uma minoria entre os estudantes universitários chineses.

Semelhante às respostas sobre a situação profissional de seus pais, a maior parte dos estudantes chineses também apontaram que suas mães encontram-se em outra situação profissional não especificada no questionário. Na segunda posição, aparece a opção empregada com carteira assinada. É também diminuta a representação de progênitos de empregada doméstica, empregada do meio rural e militar.

Os dados acima parecem estar relacionados à mudança identificada nos últimos anos na China, sobretudo com a elevação do nível de urbanização do país como apontado anteriormente. Assim, pode-se identificar o aumento da frequência de estudantes universitários de origem urbana, enquanto que o percentual de egressos de famílias camponesas está diminuindo. Deve-se ressaltar ainda que a desigualdade no desenvolvimento cidade-campo reflete-se na qualidade da educação ofertada, já que a educação ofertada no meio urbano é melhor do que a oferecida no campo, de modo que a capacidade de competição dos alunos camponeses é inferior se comparada àqueles que estudaram na cidade e se reflete no acesso à educação superior e/ou resultados obtidos no *gaokao*.

Somente 8,6% das mães chinesas encontram-se atuando no setor público, valor percentual bem abaixo dos dados sobre o sexo oposto (14,8% dos pais chineses) e também três vezes menor que o de mães brasileiras com essa profissão. Já em relação à função do lar, observa-se uma situação inversa, ou seja, mais mães brasileiras (17,3%) do que chinesas (10,9%) desempenham exclusivamente esta atividade. As trabalhadoras por conta própria ou profissionais liberais ocupam posição semelhante em ambos os países, equivalendo a 10,5% na China e 10,3% no Brasil. Mas se comparado ao sexo oposto, o percentual de mães nesta situação é bem inferior ao percentual de pais chineses, com 17,7% conforme indicado acima.

A maioria dos estudantes brasileiros e chineses não cresceu em lares com ocupações relacionadas à agricultura, ao trabalho familiar remunerado, ao emprego doméstico, ao emprego no meio rural ou ao emprego sem carteira assinada, revelando que ocupações com baixo retorno financeiro, possuem baixa representatividade entre os jovens universitários.

Percursos acadêmicos dos estudantes universitários chineses e brasileiros

No Brasil, apesar de algumas universidades já adotarem o ENEM⁵ como exame de admissão, o vestibular⁶ ainda representa a principal forma de ingresso nas universidades. A disputa por uma vaga em cursos de alto prestígio pode chegar a uma média de 80 a 100 candidatos por vaga. Alguns estudantes só conseguem ingressar no curso pretendido após a quarta ou quinta tentativa, ou seja, dois a três anos após o término do ensino médio (cf. WELLER; PFAFF, 2012). Outros optam por ingressar no curso desejado em uma universidade particular, já que o número de concorrentes costuma ser menor e as possibilidades de ingressarem nos cursos pretendidos sem a necessidade de realizarem cursinhos pré-vestibulares é maior (OJALA, 2008).

Na China, o ingresso na universidade é determinado por um exame nacional ao final do 12^o ano escolar denominado *gaokao*, que foi reestabelecido no sistema educacional chinês no ano de 1977 (KINGLUN, 2008). Diferente do ENEM, que pode ser repetido mais de uma vez no caso de reprovação, a realização do *gaokao* representa uma oportunidade única que funciona como uma espécie de filtro dos estudantes que obtiveram melhor desempenho no exame. A possibilidade de escolha da universidade e do respectivo curso está vinculada à nota obtida no exame. Neste sentido, para muitos estudantes, o ingresso em uma universidade de excelência começa a ser planejado pelos pais e mães desde a infância. Apesar da expansão das vagas na educação superior, a disputa pelo

⁵ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), criado em 1998, passou a ser utilizado a partir de 2009, como mecanismo de seleção para o ingresso no ensino superior, além de avaliar o desempenho do estudantes brasileiros ao final da educação básica. Com a reformulação constituiu-se numa estratégia de democratização das oportunidades de acesso às vagas oferecidas por Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

⁶ O exame vestibular começou a ser aplicado no Brasil em 1911, como forma obrigatória para a entrada no Ensino Superior. Atualmente o ingresso nas universidades, dado o princípio da autonomia, pode ser feito de diferentes formas, que inclui o vestibular.

ingresso nas melhores universidades favorece estudantes que puderam usufruir de cursos complementares ou aulas particulares. Situação semelhante também ocorre no Brasil por meio de cursinhos pré-vestibulares ou preparatórios para o ENEM organizados pelo setor privado. O modelo de educação centrado em exames, apesar das críticas que vem sofrendo, entre outros, de estar limitando o espaço para a criatividade e desenvolvimento do pensamento crítico das futuras gerações, parece estar longe de ser abandonado ou substituído por outras formas de ingresso na educação superior em ambos os países (cf. KIRKPATRICK; ZANG, 2011).

Motivos para a escolha do curso

Diante da constatação de que os jovens universitários participantes da pesquisa representam uma geração com relevante ascensão escolar em suas famílias e que são filhos de pais e mães com relativo grau de estabilidade profissional/ocupacional e de retorno financeiro, passa-se nesta seção a analisar seus posicionamentos quanto ao curso de graduação ao qual estão vinculados: Quais são as expectativas dos estudantes em relação à formação profissional e que fatores foram determinantes na escolha dos respectivos cursos? Os jovens estão satisfeitos com as escolhas realizadas?

A questão referente aos motivos que levaram os estudantes a optar pelo respectivo curso foi elaborada de forma que pudessem indicar até três itens, sem a necessidade de atribuir uma ordem de prioridade entre os mesmos. Deste modo, entre os principais motivos indicados para a escolha do curso observam-se, nos dois países, poucas diferenças entre os sexos feminino e masculino (tabela 3).

TABELA 3 – Motivos para a escolha do curso de graduação

Motivos	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Influência da família	10,3	9,9	33,3	24,7
Mais oportunidades profissionais	40,0	47,9	30,4	27,9

Por gosto	71,1	67,1	34,6	47,7
Confere prestígio	6,6	8,3	6,1	6,9
Porque proporciona segurança de emprego	7,7	10,0	17,5	10,6
Vantagens econômicas	7,4	15,2	3,4	5,3
Profissão de importância para a sociedade	29,4	22,6	16,9	18,5
Já tinha trabalhado em áreas afins	6,6	7,3	0,7	1,4
Parte dos meus amigos também o escolheu	0,9	1,4	3,8	2,5
Permite que eu trabalhe	5,2	4,2	1,2	1,6
É o curso que eu posso pagar	2,6	2,2	2,6	1,9
Facilidade no vestibular	2,7	2,6	14,3	10,2

Fonte: IPEA, SBS, 2012

Gosto pela profissão, maiores oportunidades profissionais e importância da respectiva profissão para a sociedade foram os motivos mais indicados pelos jovens universitários brasileiros. Entretanto, observam-se algumas diferenças entre as opções assinaladas por ambos os sexos: Gosto pela profissão e importância da mesma para a sociedade foram opções que alcançaram um percentual mais elevado entre estudantes do sexo feminino do que masculino (71,1% vs. 67,1% e 29,4% vs. 22,6%). Mais oportunidades profissionais e vantagens econômicas apresentaram percentual maior entre estudantes do sexo masculino do que feminino, com 47,9% vs. 40,0% para o primeiro item e 15,2% vs. 7,4% para o segundo aspecto. Outros motivos com cerca de 10% de representatividade na amostra para ambos os sexos, estão relacionados à influência da família (10,3% sexo feminino vs. 9,9% sexo masculino) e segurança no emprego (7,7% sexo feminino vs. 10,0% sexo masculino).

Entre os estudantes chineses, os motivos mais apontados foram gosto pela profissão, mais oportunidades profissionais e influência da família. Porém, quando o sexo é considerado, há uma inversão entre os quesitos mais escolhidos, ainda que estudantes do sexo feminino (34,6%) e do masculino (47,7%) representem os maiores percentuais quando o aspecto é gosto pela profissão. O item mais oportunidades profissionais e influência da família concentrou maior número de estudantes do sexo feminino, respectivamente

30,4% e 33,3%, do que estudantes do sexo masculino, com 27,9% e 24,7%. Contudo, foram os universitários do sexo masculino que alcançaram percentual mais alto quando o tópico foi profissão de importância para a sociedade (18,5% sexo masculino e 16,9% sexo feminino), enquanto que segurança no emprego foi um item que concentrou mais escolhas do sexo feminino (17,5% sexo feminino e 10,6% sexo masculino).

Pode-se observar que, entre os estudantes dos dois países, prepondera como principal motivo, o gosto pela profissão, seguido, da possibilidade de obter mais oportunidades profissionais. Contudo, há diferenças quanto à terceira opção mais selecionada. Entre os universitários brasileiros os percentuais concentraram-se sobre a opção profissão de importância para a sociedade, enquanto que entre os estudantes chineses recaiu na influência da família. Esta diferença também se observa entre o item menos escolhido. Já tinha trabalhado em áreas afins, foi a opção menos escolhida pelos jovens chineses, enquanto que o motivo que indica a influência da escolha dos cursos dos amigos, foi a menos escolhida pelos estudantes brasileiros.

Grau de satisfação e desejo de mudança de curso

A tabela 4 revela dados sobre o grau de sucesso ou de insucesso em relação ao curso pretendido e respectivo ingresso na universidade:

TABELA 4: Primeira escolha no vestibular

	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Sim	74,4	74,2	67,7	74,8
Não, já tentei ingressar em outro(s) curso(s) sem sucesso	15,3	12,0	23,4	16,7
Não, já cursei outro(s) curso(s) sem chegar a concluí-lo(s)	8,4	12,4	6,4	4,2
Não, já concluí outro(s) curso(s) de graduação	1,6	1,2	1,3	2,2
NR	0,3	0,3	1,2	2,0
Anulado	0,1	0,0	0,0	0
Total	100	100	100	100

Fonte: IPEA, SBS, 2012

Considerando-se as respostas à questão sobre estarem ou não em um curso de graduação relacionado à sua primeira escolha no momento em que decidiram ingressar no ensino superior, chama-nos atenção o fato de cerca de 74% dos estudantes brasileiros, de ambos os sexos, haverem ingressado no curso que representou sua primeira escolha. Entre aqueles que não obtiveram sucesso, ou seja, que acabaram optando por outro curso após algumas reprovações em vestibulares, encontram-se 15,3% de estudantes do sexo feminino e 12% do sexo masculino. Observa-se ainda que 8,4% dos estudantes do sexo feminino e 12,4% do sexo masculino abandonaram o curso inicial e optaram por buscar uma nova formação. Somando-se estes dois últimos grupos no conjunto das seis universidades que compõem a amostra no Brasil, nos deparamos com cerca de 24% de estudantes universitários de ambos os sexos que apresentam uma trajetória não-linear entre a conclusão do ensino médio e a educação superior. Estes jovens, em algum momento de sua formação (no ensino médio ou posteriormente), encontraram dificuldades que os impediram de ingressar no curso desejado ou passaram por momentos de revisão de seus projetos biográfico-profissionais que os levaram a mudar de curso.

Semelhante à situação brasileira, a maioria dos universitários chineses afirmou encontrar-se no curso de graduação que representou a primeira escolha, sobretudo os estudantes do sexo masculino, que revelaram um percentual maior do que do sexo feminino (respectivamente, 74,8% e 67,7%). Entre aqueles que não obtiveram êxito, ou seja, que não ingressaram no curso pretendido, o percentual de mulheres (23,4%) é maior que dos homens (16,7%). Pode-se identificar ainda um percentual inferior a 10 p.p entre aqueles que abandonaram um curso de graduação antes de cursar a graduação atual, sendo 6,4% para o sexo feminino e 4,2% para o sexo masculino. Ao reunir estes dois últimos grupos, verificamos que 26,5% dos estudantes chineses encontram-se frequentando um curso de graduação distinto da formação profissional pretendida antes do ingresso na universidade.

Ao serem questionados se gostariam de trocar de curso obteve-se o seguinte resultado:

TABELA 5 - Mudança de curso

Trocar de curso	Brasil		China	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Sim	18,1	14,8	38,7	25,4
Não	81,3	85,1	60,3	72,5
NR/NA	0,6	0,2	1,0	2,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IPEA, SBS, 2012

Apesar da maioria dos estudantes brasileiros não demonstrar interesse em mudar de curso, observa-se um percentual maior de estudantes do sexo feminino dispostas a mudar de curso caso tivessem a oportunidade. Esta diferença explica-se, em parte, pelos dados apresentados na tabela 4, que registrou um percentual mais elevado de estudantes do sexo masculino que já realizaram uma mudança de curso. Ainda que não estejam matriculadas no curso desejado, as jovens mulheres parecem encontrar-se diante de determinadas barreiras que as impedem de tomar esta decisão. É possível que se sintam mais pressionadas por suas famílias a concluir a graduação iniciada do que os rapazes; outros motivos podem estar relacionados às taxas cobradas em universidades particulares para os cursos de maior prestígio ou à dificuldade de realização de um novo vestibular para o curso pretendido.

Na China, a maior parte dos estudantes, tanto do sexo feminino quanto masculino, também não manifestou interesse em trocar de curso. Semelhante aos dados encontrados no Brasil, as mulheres chinesas representam o maior grupo de estudantes que trocaria de curso se tivesse a oportunidade. Essa afirmação corrobora o padrão apontado na tabela 4, onde a maior parte dos estudantes que já cursou outra graduação é representado pelas estudantes do sexo feminino, além de serem estas também as que já tentaram o ingresso, sem sucesso, em outro curso.

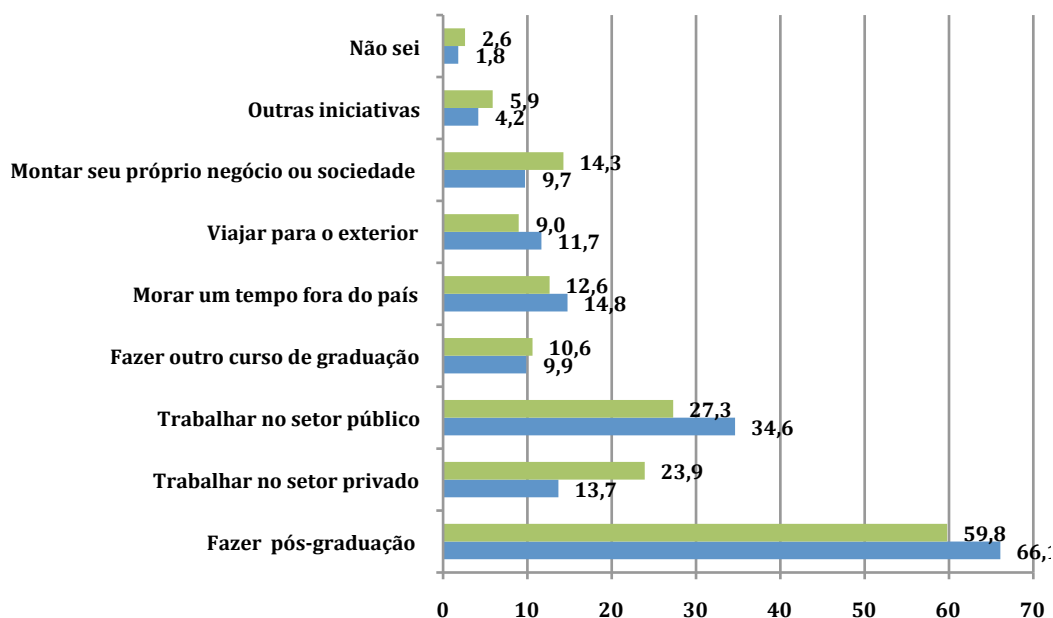
Deve-se ressaltar que na China, o modelo de organização familiar e o peso de uma cultura de mais de 4.000 anos torna as decisões sobre a escolha do curso superior mais complexas do que no Brasil. Em ambos os países os estudantes do sexo masculino estão mais satisfeitos com o curso que

escolheram, ainda que o percentual seja mais representativo entre os estudantes brasileiros. O número de mulheres interessadas em trocar de curso é maior do que o número de homens em ambos países. No entanto, o percentual de estudantes chinesas que gostaria de trocar de curso chega a ser mais do que o dobro do percentual encontrado entre as estudantes brasileiras (respectivamente, 38,7% e 18,1%). Os dados da tabela 5 apontam um viés de gênero que atinge as mulheres e homens de modo diferente nos dois países, sobretudo entre os estudantes que não conseguiram ingressar no curso pretendido.

Projetos de estudantes brasileiros e chineses após a conclusão da graduação

A questão relativa aos projetos dos estudantes após a conclusão da graduação indicava a possibilidade de escolha de até dois itens, sem a necessidade de atribuição de uma ordem de prioridade entre os mesmos, que podem ser observados no gráfico 5 e 6.

GRÁFICO 5 – Projetos após a conclusão da graduação - Brasil



Fonte: IPEA, SBS, 2012

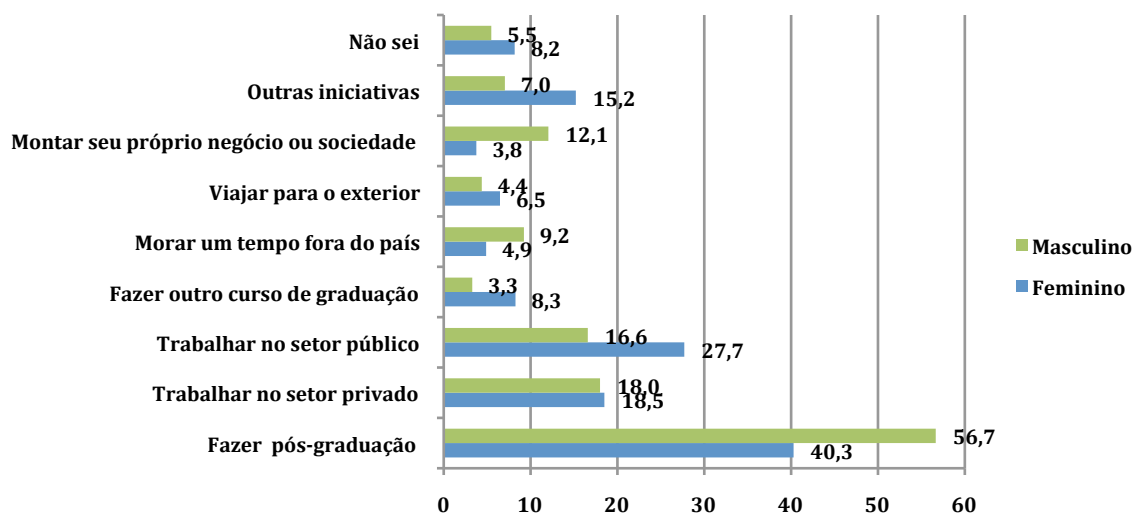
No Brasil, chama a atenção o número de estudantes que indicaram o prosseguimento dos estudos, uma vez que 66,1% das mulheres e 59,8% dos homens pretendem ampliar sua formação por meio de um curso de pós-graduação. A segunda opção mais escolhida, respectivamente por universitários do sexo feminino e masculino, foi trabalhar no setor público (34,6% e 27,3%), seguida das opções trabalhar no setor privado (13,7% e 23,9%), montar um negócio próprio (9,7% e 14,3%) e dedicar-se a outras iniciativas (4,2% e 5,9%). Também foram sinalizadas outras perspectivas como morar um tempo fora do Brasil (14,8% e 12,6%) ou somente viajar para o exterior (11,7% e 9,0%).

Apesar da opção por um trabalho no setor público ter sido a opção mais indicada tanto entre estudantes do sexo feminino como masculino, os jovens rapazes parecem sentir mais segurança em relação à construção da carreira profissional no setor privado ou montando um negócio próprio. As jovens mulheres parecem estar preocupadas com outras situações que viverão no futuro, por exemplo, a segurança de que após uma licença maternidade poderão retornar aos seus postos de trabalho. Os salários oferecidos no setor privado parecem não compensar a segurança e outros benefícios oferecidos pela carreira pública, mesmo que muitas funções neste setor dificilmente conduzirão à cargos de direção ou posições de maior prestígio.

Com relação à perspectiva de morar um tempo em outro país ou simplesmente viajar para o exterior, observa-se entre as estudantes do sexo feminino maior interesse do que entre o sexo oposto. No entanto, estas opções parecem depender da variável trabalho, ou seja, a conquista da autonomia financeira antecede o desejo ou projeto de morar fora ou simplesmente viajar. A realização de um outro curso de graduação para as e os estudantes obteve respectivamente 9,9% e 10,6% de indicações e parece não mais constituir uma prioridade. De uma forma geral, os jovens parecem estar conscientes que os novos tempos apontam para a necessidade de prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação.

As escolhas dos estudantes chineses podem ser observados no gráfico a seguir.

GRÁFICO 6 – Projetos após a conclusão da graduação - China



Fonte: IPEA, SBS, 2012

Entre os estudantes chineses, pode-se identificar que a opção fazer pós-graduação, foi a mais escolhida pelos universitários. Esta alternativa foi predominantemente indicada, tanto por estudantes do sexo masculino (56,7%) quanto por estudantes do sexo feminino (40,3%). Entre as mais selecionadas aparece em segundo lugar o item trabalhar no setor público, para 27,7% das universitárias e 16,6% dos universitários, seguido de trabalhar no setor privado (18,5% das estudantes e 18,0% dos estudantes), inserir-se em outro tipo de iniciativa (15,2% de jovens do sexo feminino e 7,0% de jovens do sexo masculino) e montar seu próprio negócio ou sociedade (12,1% dos estudantes do sexo masculino e 3,8% do sexo feminino). Outras perspectivas como morar um tempo fora do país, fazer outro curso de graduação e viajar para o exterior foram pouco escolhidas pelos estudantes. Entretanto mais universitárias chinesas (diferença de 5 p.p.) escolheram a opção fazer outra graduação, reafirmando o indicado na tabela 3, e viajar para o exterior. Porém os estudantes do sexo masculino são o maior grupo (9,2%) quando a opção é morar fora do país.

Assim, vemos que entre os estudantes chineses e brasileiros há uma marca geracional relativa a valorização da obtenção de alta titulação representada pelo predomínio da escolha da alternativa fazer pós-graduação. Entretanto, podem ser observadas ainda que entre as opções não relacionadas diretamente a inserção no mercado de trabalho, como fazer outra graduação, morar fora do país

ou viajar pelo exterior são opções mais escolhidas por universitários brasileiros, que atingem mais de 10 p.p., do que pelos chineses.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Abrahão André de. Access to Higher Education in Brazil with Reference to Prouni. *Higher Education Studies*, v. 2, n. 1, mar 2012, p. 32-37
- CACCIAMALI, Maria Cristina. Distribuição de renda no Brasil: persistência do elevado grau de desigualdade. In: Pinho, Diva Benevides; Vasconcellos, Marco Antônio Sandoval de; A. S. *Manual de Economia*, 2ª edição. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.
- CARNOY, Martin et al. *University Expansion in a Changing Global Economy: Triumph of the BRICs?* Stanford, CA: Stanford University Press, 2013.
- CURI, Andréa Zaitune; Menezes-Filho, Naércio Aquino. The Relationship Between School Performance. In: Inter-American Development Bank. *The Quality of Education in Brazil: Final Report*. São Paulo: Instituto Futuro Brasil, Escola de Economia de São Paulo-Fundação Getúlio Vargas, 2008.
- FIAMENGUE, Elis Cristina; WHITAKER, Elis Dulce Consuelo Andreatta. Instrução superior e profissionalização feminina: as mães dos vestibulandos VUNESP e suas influências sobre as escolhas dos filhos (anos 80 x anos 90). *Revista brasileira de orientação profissional*. Vol. 4, n.1-2, 2003, p. 117-139. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1679-33902003000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 30 jul. 2013.
- IPEA. *Estudo comparado sobre a juventude brasileira e chinesa: dados preliminares do Brasil*. Relatório de pesquisa. Novembro, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/121106_relatorio_estudo_juventude_brasileira_chinesa.pdf>. Acesso em 30 maio 2013.
- KINGLUN Ngok. Massification, bureaucratization and questing for “world-class” status: Higher education in China since the mid-1990s. *International Journal of Educational Management*, Vol. 22 Iss: 6, 2008, p.547 – 564.
- MANSO, Carlos Alberto; BARRETO, Flávio Ataliba F. D.; FRANCA, João Mário Santos de. Bem-estar social, mercado de trabalho e o desequilíbrio regional brasileiro. *Estudos Econômicos*. 2010, vol.40, n.2, p. 401-443.
- OJALA, Raisia (2008). *Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília.
- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. Transições entre o meio social de origem e o milieu acadêmico: discrepâncias no percurso de estudantes da Universidade de Brasília. *Estudos de Sociologia*, Recife, v. 18, 2012, p. 1-16. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/67/53>>. Acesso em 12 jul. 2013.